

**UM CIRCUITO CHAMADO DESEJO:
notas sobre os pontos de pegação em João Pessoa**

***A CIRCUIT NAMED DESIRE:
on pontos de pegação (cruising sites) in João Pessoa***

Thiago de Lima Oliveira*

Resumo

O texto apresenta resultados de uma pesquisa etnográfica desenvolvida em locais e com pessoas que compõem um circuito de trocas eróticas, afetivas e sexuais chamado de pegação. Durante a pesquisa acompanhou-se colaboradores em locais onde buscavam parcerias eróticas e sexuais de modo a tentar compreender como produzem e significam tais espaços. A partir da noção de redes conformada por circuitos, apresenta-se o modo como expectativas de encontro e trocas possibilitam um modo específico de espacialização da cidade. Os circuitos que conformam a rede podem ser definidos a partir de domínios e modelos de relação que, embora se entrecruzem e sobreponham constantemente, configuram maneiras específicas de entender os significados produzidos na experiência. As análises sinalizam para o modo como o espaço e os marcadores sociais da diferença estão imbricados, produzindo relações e significações mútuas a partir de economias eróticas que valorizam e (re)produzem expectativas sobre gênero, raça, classe e gerações, a partir de estratégias de diferenciação e fragmentação do espaço para públicos e interesses diferenciados.

Palavras-chave: Circuito. Cidade. Pegação. Performance de gênero.

Abstract

The article presents results of an ethnographic research carried out in places and with people who make up a circuit of erotic, affective and sexual exchanges called “pegação”. During the research I followed collaborators in places where they sought erotic and sexual partnerships in order to try to understand how they produce and signify such spaces. From the notion of networks formed by circuits, I present how expectations of meeting and exchanges enable a specific way of city spatial distribution. The circuits that make up the network can be defined from fields and models of relationship, even if from crossing and overlap constantly, configure specific ways to understand the meanings produced in the experience. The analyze indicates to the way the space and the social markers of difference are intertwined, producing mutual relationships and meanings from erotic economies that value and (re)produce expectations about gender, race, class and generations from strategies of differentiation and fragmentation of the space to different public and interests.

Keywords: Urban circuits. City. Pegação (cruising sex). Gender performances.

* Mestre em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É pesquisador do Guetu – Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnografias Urbanas da UFPB, Brasil. E-mail: petraios@hotmail.com

Introdução

Caminho pelo centro de João Pessoa tendo como pano de fundo um dos cartões postais mais conhecidos da cidade: o Parque Sólon de Lucena e a Lagoa, seumarco principal. A pequena porção de água contornada por uma faixa de grama é rodeada de modo a formar um círculo concêntrico que permite aos veículos contornarem-na e seguir em direção às diversas regiões da cidade: à praia, rodoviária, dando acesso aos bairros e municípios vizinhos.

É uma tarde quente, 36°C na cidade; estou indo ao encontro de Fabio, um rapaz de 23 anos que reside na cidade vizinha, Bayeux. Conheci Fábio ali mesmo, nos arredores do Parque, em novembro de 2012, quando realizei uma pesquisa que tinha como objetivo investigar os espaços de sociabilidade homoerótica na região do centro. Fábio reside com os pais em casa de porte médio, no bairro do Sesi, região de classe média e baixa na cidade de Bayeux. Apresenta-se como bissexual e gay, usando ambas de acordo com o local e as pessoas com as quais se encontra. Todavia, para sua família, continua afirmando-se como heterossexual, eventualmente simulando encontros e namoros com outras meninas. Trabalha como auxiliar administrativo no período da manhã em uma fábrica de tecidos. Durante o período da tarde e, eventualmente, à noite – quando não assiste às aulas no curso de fisioterapia em uma faculdade privada – vai à caça, ou seja, em busca encontros com outros rapazes em determinados locais da cidade.

Os locais que Fábio frequenta não são muito diferentes dos demais frequentados por outras pessoas com interesses diferentes: praças, *shoppings*, mercados, praia. Na produção dos seus encontros, a forma como Fabio e seus amantes estabelecem e avaliam a possibilidade de interação, bem como os modos como usam os espaços, é deveras distinta: olhares, flertes, masturbação, eventualmente sexo. Muros, banheiros, árvores e becos, na esfera do espaço público, convertem-se em espaços potenciais para encontros e trocas eróticas e sexuais. Um olhar desatento para o movimento de Fábio pela cidade ignora as possibilidades de produção e uso dela que são típicos de uma dinâmica de sociabilidade específica como a encarnada aqui pela dinâmica da “pegação”.

No presente trabalho, realizo um exercício de aproximação entre dois nichos de investigação com implicações mútuas: a antropologia urbana e a antropologia das relações de gênero e sexualidades. Meu esforço consiste em investigar modos de produção de cidade a partir das socialidades de homens engajados em um circuito de trocas eróticas, afetivas e sexuais, usualmente fortuitas, no contexto da região metropolitana de João Pessoa, Paraíba. A forma como a cidade e o espaço urbano são processualmente percebidos, construídos, avaliados e reinventados é tematizada a partir da expectativa de realização de trocas e do agenciamento de fluxos desejanter produzidos pelos interlocutores.

As relações de troca eróticas, afetivas e sexuais às quais me referi anteriormente são chamadas, em termos nativos, de “pegação”. Pegação é um termo polissêmico e apropriado por diversos grupos. De modo geral, pegação remeteria

a qualquer contexto de flerte e troca de carícias entre pessoas potencialmente desconhecidas, seja ele orientado homo ou heterossexualmente. No contexto pesquisado, pegação refere-se a: (a) um conjunto de práticas de encontro erótico e sexual desenvolvidas potencialmente entre homens que buscam encontros corporais, troca de afetos e estímulos com outros homens; (b) aos próprios lugares onde tais práticas e encontros acontecem. No segundo caso, é comum também a pegação ser referida em termos que designam o local onde se desenvolve, como por exemplo, os termos nativos “fazer cinemão” ou “banheirão”, quando indica os encontros em cinemas pornô e banheiros respectivamente. Outros termos povoam o universo e seus frequentadores: caça, curtição, *cruysing*; os frequentadores, por vezes, são chamados também de “caçadores”, em virtude da atividade de “busca e abate” que realizam. Em última instância, a pegação estabelece um jogo que rompe ou ressignifica o paradigma do sexo como pertencente ao domínio do privado; esse conjunto de práticas e seus atores lançam o sexo e o encontro erótico em outras lógicas de espacialização do território, atribuindo novos valores e atributos a espaços socialmente degradados, negligenciados ou que formalmente teriam outras funções.

A tarefa que desenvolvi aqui deve ser pensada como um exercício reflexivo a partir de duas posições. É reflexiva na medida em que me posiciona como um entre tantos agentes engajados na produção de sentidos e significados para as experiências que descrevo. Meu lugar no desenvolvimento da pesquisa pode ser caracterizado como participação observante, tal qual Maria Elvira Díaz-Benítez (2010) refere. No curso da investigação, pude efetivamente acompanhar diversos rapazes nos lugares que frequentavam; lugares que arrolam diversas geografias: saunas, cinemas pornô, espaços público como parques, praças e praias, festas privadas e também interações mediadas através de mídias digitais, por meio de grupos em redes sociais e também “aplicativos de pegação”, ou seja, funcionalidades para tecnologia de *smartphone* que possibilitam a troca de mensagens textuais e fotográficas entre pessoas que partilham o mesmo serviço. Nesses espaços, pude discutir, experimentar, observar, participar, trocar e acompanhar histórias que constituem o material sobre o qual me debruço ao produzir as análises e relações que apresento.

Todavia, notar minha posição entre tantos não implica subsumi-la a um registro de simetria; diferentes agentes possuem forças argumentativas, *status* e privilégios que os autoriza mais ou menos na produção e aceitação da sua percepção a respeito daquilo que vivem ou se recusam a viver. De outra parte, meu trabalho é reflexivo também na medida em que pretende burlar uma tentativa de separação entre autor e tema, ou mais propriamente, entre aquele que participa da experiência e a própria experiência. Incorporo a argumentação desenvolvida por Jeanne Favret-Saada (1977), para quem, em última instância, o antropólogo é seu principal – e por vezes único – informante, sendo necessário “penetrar na sua própria amnésia, e daí tornar explícito o que se encontra instável em si mesmo” (FAVRET-SAADA, 1977, p. 26).

As observações durante uma parte significativa das atividades *in loco* foram desenvolvidas sem a possibilidade da observação direta contínua, tampouco da participação nas trocas eróticas performatizadas. Executou-se, assim, um desdobramento sinestésico da observação através de uma tomada de empréstimo

de outros sentidos que tiveram como função suplementar as informações que não podiam ser coletadas com a observação ou interação imediata. Se, por um lado, a possibilidade de desenvolvimento de uma percepção do espaço pautada por uma dilatação sinestésica e sinérgica dos sentidos foi especialmente útil em situações de campo nas quais não me foi possível acompanhar de maneira mais detida as interações entre os agentes que pude acompanhar, por outro, ela não eliminou as possibilidades oferecidas por outras técnicas de coleta de dados, a exemplo das visitas aos locais de pegação que meus interlocutores costumavam ir ou que eu lhes sugeria, conversas em aplicativos de troca de mensagens e grupos específicos em redes sociais. Essas técnicas reunidas me possibilitaram criar um espaço de fala sobre o sexo, como menciona Foucault, que era simultaneamente informado pelas minhas pretensões acadêmicas como pesquisador e amenizado pela intimidade e proximidade que pude desenvolver com a maior parte das pessoas com as quais pude manter contato e conversar ao longo do período em campo.

Gêneros e lugares: articulando conceitos

Em João Pessoa, o que chamo de “rede da pegação” caracteriza-se como uma rede de agentes e territórios descontínuos na paisagem da cidade que partilham ou possibilitam determinada prática – no caso, a busca por trocas eróticas e afetivas fortuitas e sem cobrança financeira – e são reconhecidos pelos seus usuários como interligados (MAGNANI, 1996, p. 45). Sobre os espaços, podemos didaticamente dividi-los em três grandes grupos, formados pelos espaços públicos e áreas abertas, os espaços fechados e de livre acesso, e os espaços comerciais. Mediante a circulação e os trajetos dos frequentadores, tais espaços são conectados entre si através da partilha de interesses relacionados à possibilidade de encontros. Meu esforço, neste trabalho, consiste em pensar essa produção de espaços articulando-a com a forma como o gênero é interpelado e performaticamente produzido na economia das trocas eróticas que se desenvolvem nesses espaços. Trata-se, assim, de em esforço em pensar, como sugere Phil Hubbard (2012), como as construções ocidentais de sexualidades e cidades estão imbricadas, enfatizando especificamente os processos de generificação (*gendering*).

Como argumentei em outros trabalhos (OLIVEIRA, 2015, 2016), a percepção das relações entre gênero, sexualidades e tecnologias de espacialização e inscrição no espaço de informações sobre a organização social da experiência sexual podem ser reconhecidos já em trabalhos de Foucault. Nesses termos, os projetos de cidade e a construção de zonas de prostituição, de instituições de controle, vigilância e punição, bem como a possibilidade de espaços heterotópicos, de espaços outros marcados por uma separação entre temporalidades de fora e de dentro, uma abertura para possibilidades relacionais e interacionais distintas, devem ser avaliadas também como um conjunto de inscrições e disposições de informações sobre moral, conduta e licitude de determinadas práticas que se entranham na geografia e arquitetura dos espaços sociais (FOUCAULT, 1999, 2007).

Nesse artigo, por meio de uma reflexão sobre a produção relacional do

espaço e a construção de territorialidades, interessa-me particularmente pensar as relações que práticas de pegação estabelecem com a construção de *performances* de gênero, em especial, de masculinidades. Acompanhando Preciado (2014), o gênero é tomado aqui como um sistema de escritura, e, como tal, os modos pelos quais se simboliza e significa o que é ser homem ou mulher é também um modo de produção e espacialização do corpo, uma tecnologia heterossocial que localiza e implica no e por meio do corpo dispositivos discursivos que constituem o gênero em sua relacionalidade. Conforme Connell (2002), o gênero deve ser entendido e interpelado a partir de seu caráter dinâmico, tendo em vista que ele:

[...]é uma forma pela qual a prática social é ordenada. No processo do gênero, a condução diária da vida é organizada em relação à produção de uma arena reprodutiva definida por estruturas corporais e processos de reprodução humana [...]. O gênero é uma prática social que constantemente refere-se aos corpos e o que os corpos fazem, isso é, a prática social reduzida ao corpo. Tal reducionismo profundo apresenta na verdade o inverso da situação real: o gênero existe precisamente para marcar que a biologia não determina o social (CONNELL, 2002, p. 71, tradução minha).

A partir da refração e interseção do gênero com outros marcadores sociais da diferença, torna-se importante pensar, no contexto das práticas socioespaciais, como a cidade – arena de sociabilidade urbana, espaço compartilhado e compartimentado por diferentes agentes – produz hierarquizações (ou não) dessa heterogeneidade através dos dispositivos de vigilância, controle e mesmo de apropriação e circulação. Para pensar a forma como esses processos são produzidos e conectados, aproprio-me das categorias elaboradas por Magnani (1996) para o estudo das práticas de lazer. Considero, assim, que as formas de envolvimento erótico e sexual engendradas no interior dos pontos de pegação constituem uma forma legítima de sociabilidade e podem ser entendidas sob a rubrica do lazer. Nesse sentido, cabe pensar em territórios de familiaridade e pertencimento, trajetos e movimentos, espaços dispersos, mas conectados, como sugerem as categorias de pedaço, mancha, trajeto, circuito e pórticos¹.

Minha relação e o passeio com Fabio são espaços demonstrativos para pensar tais questões. O trajeto que eu e ele desenvolvemos pela cidade, na tentativa de Fábio de apresentar a mim seus lugares preferidos para encontrar outros rapazes, dentro de um conjunto maior de possibilidades de entretenimento e encontro, sinaliza não apenas para um modo específico de se reconhecer e perceber a cidade, mas também de intervir sobre ela, de produzi-la.

No presente trabalho, adotamos uma perspectiva de cidade como “produção em processo”, como uma rede de redes (HANNERZ, 2015), na qual é possível

¹ Para uma análise mais detalhada dessas categorias no contexto da cidade de São Paulo, ver Magnani (1996). Nos termos desse trabalho, as categorias serão mais bem definidas e problematizadas ao longo do texto.

apreender uma parte da experiência humana no contexto urbano a partir das relações que as pessoas estabelecem com esse espaço, da forma como o significam e se apropriam dele. O ponto de partida para esse tipo de investimento consiste na avaliação da própria noção de espaço. Nesses termos, acompanhando Doreen Massey (2012), é preciso abrir mão de uma visão essencialista do espaço, em favor de uma abordagem processual que considere os modos pelos quais ele é construído. Considerar que “o espacial não existe como esfera separada”, apartada de outras dimensões da vida social, tendo em vista que ele mesmo é também uma “construção social” (MASSEY, 2012, p.99) implica, entre outras coisas, evidenciar os modos pelos quais pessoas se relacionam umas com as outras em termos de suas subjetividades e historicidades, em conjunturas que ultrapassam e envolvem o indivíduo. O espaço não pode ser tomado, portanto, como instância acabada e pronta sobre o qual os sujeitos atuam, pois é também um processo das relações que *através de e nele* se desenvolvem.

O que chamo aqui de produção de cidade tem por base uma percepção de que a cidade é um sistema socioespacial aberto marcado por especificidades relativas à possibilidade de um modo de vida urbano. Em seu aspecto relacional, estrutural, interacional e informacional, a cidade está em constante transformação; os espaços de interação não estão prontos e acabados, mas, ao contrário, estão em contínuo processo de fazer-se.

Como advertido previamente, em termos analíticos considero a pegação como uma rede composta por circuitos diversos. A noção de rede abre a possibilidade de refletir sobre processos que cruzam limites, categorias e fronteiras, como sugeriu Barnes (2010, p. 187), reelaborando, no contexto urbano, particularmente, os processos pelos quais “as pessoas podem se combinar e se recombinar em uma multiplicidade de maneiras para objetivos diferentes e com consequências também diferentes” (HANNERZ, 2015, p. 216). É possível, assim, distender e expandir concepções de socialidades e sociabilidades vinculadas à dimensão estritamente territorial, em favor de uma perspectiva que considere também o aspecto relacional que constitui territórios e modos de vida, advertindo para encontros e tensões entre processos de produção de diferenças e semelhanças, partições, colaborações, identificação, fracionamentos e conflitos que envolvem as pessoas em suas interações cotidianas.

De igual maneira, acredito também na possibilidade de vincular essa noção de rede a categorias organizacionais auxiliares, como circuito e trajeto, conforme propostos por Magnani (1996), como forma de oferecer um entendimento mais profundo e sistemático da relação das pessoas entre si e com os equipamentos urbanos. Desse modo, considero a pegação como uma rede conformada por uma multiplicidade de circuitos que podem ser definidos a partir domínios e modelos de relação que, ainda que se entrecruzem e sobreponham constantemente, configuram maneiras específicas de entender os significados produzidos na experiência. A partir de uma organização propositiva com base nas informações que pude coletar, a pegação como rede pode ser vislumbrada a partir de três grandes circuitos: um primeiro marcado pela possibilidade de sexo em público; um segundo, pela inserção do mercado e pela constituição de espaços comerciais para encontros sexuais; e

um terceiro, pela utilização de tecnologias e mídias digitais que possibilitam a constituição de encontros entre parceiros. Esses circuitos são amparados ainda pela possibilidade de um quarto que, por sua vez, caracteriza-se pelo fluxo de pessoas e coletivos em espaços privados e domésticos em momentos festivos, através de situações como orgias e festas privadas marcadas pela intenção de estabelecer parcerias sexuais momentâneas.

O circuito GLS é composto pelos equipamentos e espaços urbanos destinados a um público pagante caracteristicamente homossexual ou que simpatiza com a causa gay. Abarca bares, boates, cinemas pornô e saunas que se agrupam (a) pela cobrança de ingressos ou consumo, e (b) por serem espaços de diversão e oferecer a possibilidade de encontrar outros iguais, seja para amizade, paquera ou sexo casual. O segundo circuito é caracterizado pelas trocas eróticas e sexuais que se dão em espaços predominantemente não comerciais. É o circuito da pegação propriamente dita e envolve espaços e possibilidades de uso do espaço de naturezas diversas, que se espalham em sentidos diversos e de maneira bastante heterogênea entre vários bairros e regiões da cidade. Já o circuito virtual é aquele configurado pelos diversos espaços oportunizados pelas novas tecnologias comunicativas, especialmente a internet; esses espaços possibilitam às pessoas conhecer e interagir com outras de diversos outros territórios que partilham de interesses em comum. Nesse circuito, predominam os *sites* no formato de redes sociais, a exemplo do Facebook, comunidades virtuais e aplicativos para *smartphones* especializados no público que deseja manter relações com outros segundo interesses em comum. Por fim, o circuito doméstico circunscreve os espaços de uso privado que são delimitados pelos agentes; são as reuniões de amigos, festas privadas, bem como alguns encontros de grupos de orgia e *swing* que acontecem de forma itinerante entre as casas dos membros participantes. Esse circuito, em especial, configura uma forma particular de redes de sociabilidade que se caracterizam por relações mais sólidas entre pessoas com maior nível de proximidade.

Cartografias

Não tenho uma cabana como Evans-Pritchard. Devo supor que tal cabana fosse dotada de propriedades mágicas, caso contrário também de nada me serviria. Enfim, não tenho uma cabana, mas mesmo que tivesse certamente não poderia ver toda a extensão da aldeia a partir dela. Não há aldeia. O processo social que pretendo descrever e analisar estende-se de forma nevrálgica e polimorfa por toda a cidade, por vezes a desafia, tensiona suas possibilidades e limites. É polimorfo, virulento, mas também fragmentário. No universo da pegação e nos circuitos de sexo fortuito entre homens, a importância do olhar é subsumida às poucas possibilidades de ver dentro de uma aceção holística de visão. Vê-se e (d)escreve-se o que é possível.

Meu esforço é qualquer tentativa entre a costura de fragmentos e a escrita de outros tantos fragmentos – ambos constituindo-se sem qualquer responsabilidade de coesão ou coerência. Tentar desenvolver uma cartografia desses espaços redundante, por vezes, em perseguir vestígios, sobras, sombras, evidências em processo de

desmonte. Para todos os efeitos, seu entendimento como “pontos” sugere bem uma característica desses lugares: pontos de pegação podem fazer-se e desmontar-se com extrema facilidade, deslocando-se com flexibilidade pelo plano da cidade. Em sua arquitetura improvisada, desmontam ou ressignificam os espaços ditos familiares: o mercado, o *shopping*, a praça, o condomínio. Ao encontrar-me com Fábio, pergunto-lhe que tipos de lugares ele costuma frequentar e por que; a partir de uma lista de lugares com geografia mais ou menos fixa, Fábio é sumário em sinalizar:

Mas assim, nem sempre tem que estar num ponto de pegação pra rolar. As vezes já aconteceu no ônibus mesmo. Tava indo pra faculdade e em pé do meu lado um cara começou a roçar no meu braço. Deixei o braço parado e ele continuou roçando... Quando dei sinal para descer do ônibus ele tirou o celular sinalizando pra pegar o meu número, mas não deu tempo. Ele me seguiu e quando descemos começamos a conversar... aí rolou. Sabe como é, né? (Fábio, 29/04/2013 – fragmento extraído de diário de campo).

Consoante Fábio me narra suas experiências, vamos desenhando um mapa específico da cidade, um mapa que se caracteriza por um agenciamento polimorfo que cria linhas de tensão, tendências e fluxos variados pela cidade: confluência de tipos corporais específicos para lugares também específicos, possibilidades de desenvolver práticas sexuais extremas em determinados lugares e em outros não, maior ou menor vigilância, perigo, desejos. Enquanto estamos ali nas imediações do Parque Sólon de Lucena, comentamos sobre as peculiaridades dos pontos de pegação que se encontram nas proximidades, e assim iniciamos nosso passeio pela cidade.

Desde a rodoviária até o litoral, seguindo o eixo oeste-leste, até os bairros afastados e os *shoppings* mais frequentados da cidade, no eixo sul-norte, os territórios de pegação são construídos na emergência e fluxo dos desejos, subvertendo, por vezes, a sua lógica tradicional de uso.

O Terminal Rodoviário Severino Camelo, na porta oeste da cidade, é nosso ponto de partida. Os banheiros do terminal já são famosos no circuito da pegação como um dos pontos de pegação mais tradicionais da cidade, reunindo uma heterogeneidade de homens:alguns turistas, parentes de pessoas que vieram deixar seus familiaresno terminal, moradores de bairros circunvizinhos e municípios próximos, como Bayeux, Santa Rita e Sapé. No banheiro, a ordem da pegação é estabelecida pelo jogo de olhares e pela encenação performática dos desejos. Pernas arqueadas, olhar atento aos parceiros ao lado, o jogo de insinuação entre o mostrar e o ocultar, dizer sem falar. É comum também a paquera na frente do banheiro, sentados nos diversos bancos destinados à espera. Dentro do banheiro, distribuídos de maneira mais ou menos próxima pelos mictórios, ou se encarando pelo espelho acima da pia, os caçadores flertam entre si e insinuam a possibilidade de troca através dos olhares, da exposição da genitália; sinais mais ou menos explícitos de desejo desenvolvem-se como uma forma alternativa e peculiar de comunicação, que busca substituir a precariedade da fala: a exposição da excitação, o acariciamento do pênis, o gesto convidativo. A materialidade do corpo e suas reações torna-se uma estratégia de comunicação substitutiva, uma máquina desejanste que comunica seus desejos e vontades.

A região do centro é uma das manchas de pegação mais heterogêneas; uso o termo mancha aqui como referência às “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante” (MAGNANI, 1996). Numa mesma região do centro, distante poucos metros uns dos outros, é possível encontrar banheiros públicos, praças, saunas, cinemas pornôds – além de outros equipamentos que, por mais que não componham o circuito propriamente, lhe são acessórios, como pousadas e bares. A heterogeneidade se dá também em razão dos interesses e pessoas que as frequentam. A cobrança de ingresso para entrada em determinados espaços ou a necessidade de consumo em outros, por exemplo, é um critério limitador da possibilidade de uso de determinados espaços que integram aquilo que chamei anteriormente de “circuito GLS”.

Fábio me conta que, com exceção de uma das saunas da cidade, localizada nas proximidades do centro, não costuma frequentar os espaços da região, tendo em vista que são muito próximos da sua residência, o que tornariamais fácil ser reconhecido ou flagrado por algum vizinho ou até mesmo parente. Ainda diz que não gosta dos tipos de cara que costumam frequentar o lugar:

Não gosto, sei lá... é uma gente feia, gorda, velha. Às vezes até tem uns caras legais, mas é o tipo de cara que vem pra cá pra pegar os pivetes, boy-doido. Tipo, você vai no [Cine Sex] América, e só tem velho; não gosto de velho, e mesmo esses velhos só querem saber dos novinhos, que geralmente cobram pra serem chupados e tal. Alguns têm namorados, né? Quer dizer, sustentam os boys... e tem muita bicha afeminada também, não curto, prefiro os mais discretos e por isso não costumo ficar no centro. Vou pra outros lugares mais afastados (Fábio, 29/04/2013 – fragmento extraído de diário de campo).

A cobrança de ingressos é um critério limitador para a presença de alguns agentes, mas também é um facilitador e um critério de segurança para outros frequentadores. Nesse sentido, a presença de homens mais velhos nas saunas e cinemas pornôds do centro é facilitada em virtude de esses terem alguma fonte de rendimento, quando comparados com os mais jovens, estudantes ou desempregados. Ainda que a noção de pegação não abarque em princípio o sexo pago, alguns agentes ainda usam os espaços dos pontos de pegação como espaço para comercialização ou autopromoção, principalmente nessa modalidade de relação intergeracional, negociando seus serviços com homens mais velhos.

Como sugere a fala de Fábio transcrita acima, ainda que os pontos de pegação estejam alinhados segundo a partilha de interesse em uma modalidade de encontro corporal, há também um espriamento das possibilidades de interação pelos locais segundo as *performances* de masculinidade desejadas. Nesse sentido, é possível dizer que as *performances* masculinas na economia erótica da pegação são construídas de maneira relacional, em virtude tanto dos parceiros desejados quanto das condições estruturais do espaço. Em conversa com David, outro interlocutor com o qual pude ter contato durante a realização da pesquisa, esse posicionamento é explicado de

maneira mais detalhada quando este comenta sobre os locais que costuma frequentar e as razões para isso. Através do dispositivo de mensagens instantâneas de um *site* de relacionamentos, ele me explica:

David: *Tem algumas pegações que eu vou, mas a que eu gosto mesmo é a do Seixas. Atualmente não tem dado tanta gente, mas lá é massa. É o tipo de lugar que eu gosto mesmo, mais reservado, tem como você andar, ver a pessoa, conversar até. E os caras que vão lá também são mais meu tipo.*

Thiago: *Teu tipo como?*

David: *tem muito velho, mas também tem gente mais jovem e geralmente mais máscula, com jeito de homem, tá ligado?*

Thiago: *Tô ligado não, - risos - explica aí que tipo de cara você curte.*

David: *Aquela questão... lá tem mais gente madura, menos afrescalhada, sem ser efeminada. Geralmente é um pessoal que tem família, tem compromisso e não gosta de se expor. Também tem a ver comigo, mas esse tipo de gente tá difícil de achar em outros lugares.*

Thiago: *Mas tipo, esses caras aí não vão pra outros lugares, como você faz?*

David: *às vezes até vão, mas lá eles se comportam diferentes, mais macho mesmo...*

A colocação de David não é aleatória e está próxima da de outros interlocutores com os quais pude conversar. Sua caracterização dos sujeitos que frequentam determinados espaços e dos próprios espaços aponta não apenas para uma caracterização em termos de audiência, mas sobretudo para um processo de territorialização, ou, nos termos desse trabalho, para um processo de produção dos lugares onde gênero e espaço são alinhados.

No contexto etnografado, o gênero, em seu aspecto performático, é construído de maneira relacional e em virtude das disputas travadas. Não se trata de uma categoria essencializada, ao contrário, é uma produção que, mesmo quando busca simular algo como uma essência imutável, tem como propósito unicamente seu convencimento. A produção do gênero está vinculada sobremaneira ao uso do corpo: voz empostada, maneira de andar, tamanho da genitália, maneira de gesticular, tom de pele, maneira de olhar.

Um olhar atento evidencia o quão precário é pensar “identidades” nesses espaços como constituições fixas; se são fixas, o são na sua efemeridade, apenas durante os breves minutos dos encontros, em que se faz necessário sustentar uma posição ou outra; em seguida, são reconstituídas em outras formas de ser e estar que podem afirmar, negar ou ocultar as práticas anteriores. Sugiro, assim, a existência de “estratégia identitárias”, dispositivos de diferenciação e reconhecimento acionados na medida das circunstâncias tão somente.

As *performances* que acompanho têm como propósito favorecer o sucesso das interações dos agentes em busca de encontros corporais. Nesse contexto, as elassão possibilidades acionadas à mercê da natureza e dos interesses envolvidos em cada interação dos agentes uns com os outros, bem como pelas condições socioestruturais dos locais onde a pegação acontece. O espaço é acionado também na produção dessa *performance*, de modo a permitir a encenação de condutas mais ou menos taxativas pelos agentes. É assim que percebo a forma pela qual Fabio se comporta em uma

situação posterior, quando o levei para conhecer outro ponto de pegação no extremo norte da cidade, já no limite entre os municípios de João Pessoa e Cabedelo.

Durante nosso passeio pelo centro e nos lugares que pudemos visitar, Fábio pôde investir sobre alguns rapazes que considerava interessantes. De maneira sempre firme, tentava produzir uma *performance* que se mostrasse atrativa e convincente, o que nesse caso implica encenar uma masculinidade próxima de modelos hegemônicos, “simulando” alguma heterossexualidade. O olhar atento, a postura ereta e a voz firme buscam reproduzir, por meios de gestos e atitudes cosméticas, uma noção de virilidade que está constantemente sendo agenciada e negociada no confronto com os possíveis parceiros. A firmeza dessa *performance* contrasta sutilmente com o modo como Fabio se comporta na praia, uma atmosfera aparentemente mais aberta às possibilidades (uma grande área, com pouca interferência de pessoas que não partilhem dos mesmos interesses que ele, a sensação de uma vigilância externa menor); a postura personificada pelos demais parceiros também coloca Fabio em um nível de expressão mais moderado. Em poucos instantes, a dureza cede espaço à conversa e às piadas, às atitudes mais descontraídas e alguma “desmunhecação”, como comenta comigo depois: “*aqui é legal, tem uns caras que eu gosto e ao mesmo tempo dá pra se soltar, tipo fosse uma sauna mesmo. Gostei, acho que vou voltar*”. A promessa de Fabio se confirma, algumas semanas depois ele me envia mensagem de celular dizendo de seu encontro na noite anterior com um grupo de outros três rapazes e da “suruba louca” que fizeram à beira mar. Espaço, *performance* e gênero assim se alinham em um jogo no qual o uso sobredetermina a razão prioritária do espaço, de modo que os artefatos urbanos não estão de maneira alguma acabados, mas, ao contrário, estão constantemente atualizando-se e reinventando-se, e simultaneamente oferecendo aos agentes a possibilidade de também se reinventarem, de se inserirem em novas lógicas e práticas.

Em termos gerais, a masculinidade é um mecanismo valorizado e evidenciado pelos agentes na busca de parceiros. Assim, elementos corporais importantes para a conformação de tais *performances*, a exemplo da postura ao movimentar-se, da voz, a exposição ou insinuação do uso do pênis ou do ânus, além de demais formas de usar o corpo, são relevantes na medida em que indicam pistas, caminhos e possibilidades para as práticas sexuais ou eróticas a serem desenvolvidas.

Se, como sugere Marilyn Strathern (2006), os significados atribuídos a homens e mulheres são produtos das relações que pessoas comuns estabelecem umas com as outras por meio de domínios mais amplos, como parentesco e trabalho, bem como concepções que envolvem cosmologias, valores, atitudes e expectativas, então as masculinidades não podem ser pensadas como atributo *per se*. Ao contrário, elas são conformadas no entrecruzamento com marcadores sociais da diferença como raça-cor, orientação sexual, geração, posição socioeconômica na dinâmica de produção, e ainda origem e religião. Essa noção fica evidente em uma avaliação do sistema de classificação manuseado pelas pessoas nos territórios de pegação. Categorias que servem para classificar e marcar os sujeitos externamente, como “machudo”, “pai de família”, “negão” e “cafuçu”, “barbie”, “viado”, “milico”, “novinho”, “tia”, “coroa”, sinalizam para as articulações de marcadores nas quais as pessoas são

posicionadas e lidas. Assim, acompanhando Andrea Cornwall e Nancy Lindisfarne (1993, p. 5, tradução minha),

[...] as formas hegemônicas nunca são totalmente compreensíveis, tampouco elas irão sempre controlar as subordinadas. Ou seja, sempre há algum espaço para versões subordinadas da masculinidade – como identidades alternativas generificadas que validam a autoestima e encorajam a resistência.

As masculinidades, como qualquer sistema de escritura e leitura da diferença, remetem a uma materialidade corporal que, todavia, não é inata, mas avaliada a partir de diversos sistemas de valoração; são contingentes, históricas e produzidas em meio a relações de poder que se estabelecem em qualquer relação. Mas, como relações de gênero, constituem relações com implicações específicas, produzindo efeitos distintos na vida das pessoas (CORNWALL; LINDISFARNE, 1993).

A valorização da masculinidade é acompanhada de um modelo socialmente construído e homogenizante de homossexualidade – que eventualmente é valorado de maneira negativa, já que toma por princípio uma incoerência entre sexo biológico e *performance*/identidade de gênero – que tais agentes não compartilham ou rejeitam, razão pela qual reinventam, negam ou ocultam formas de identidade consolidadas pelas políticas identitárias de visibilidade estabelecidas pelo movimento LGBT, nos últimos 40 anos, no Brasil. Nesse processo, é preciso ainda chamar atenção para uma característica importante: de que a afirmação de tal masculinidade é feita em detrimento da desvalorização de certas *performances* ou identidade sexuais relacionadas a uma esfera mais feminina – como marcam as falas de Fabio e David transcritas anteriormente. Na trilha de Perlongher (2008) e sua cartografia dos territórios sexuais, é possível sugerir, assim, a existência de intensos fluxos na produção e articulação de espaços alinhados às *performances* de gênero e possibilidades de exercício sexual que os espaços podem oferecer.

Arquiteturas corporais

Ao problematizar o modo como o gênero se articula com o espaço, geógrafas feministas como Linda McDowell (1997) e Doreen Massey (1992, 2012) têm insistido em apontar para a dimensão social que constitui o espaço. O espaço não pode ser avaliado desde uma perspectiva essencialista e naturalizada, já que estando as relações sociais construídas em um determinado espaço, o próprio espaço e o tempo são também produtos e processos correlatos às relações que se desencadeiam a partir deles: “as relações entre objetos ocorrem no espaço e no tempo; é essa própria relação que cria e define o tempo/espaço” (MASSEY, 1992, p. 79).

Se o espaço é produzido na relação, que tipo de informação as dinâmicas de gênero e sexualidade podem oferecer, então, para a compreensão do modo como o espaço é produzido? Se, conforme McDowell (1997), a produção do espaço é uma relação de diferenciação, de modo que a forma como homens e mulheres, por exemplo, se apropriam dos espaços materiais e simbólicos está imbricada nas

hierarquias de gênero e convenções que cada sociedade produz, então é preciso levar em consideração como a topografia social é cooptada e colonizada – não apenas pelo gênero, mas por arranjos diversos de marcadores sociais da diferença.

Segundo Preciado (2010, 2011) e Rubin (2003), o modo como determinados espaços são projetados pode informar sobre aspectos das relações entre corpo, gênero, raça, classe e espaço na forma como são acionadas e produzidas distinções, na forma de circular e produzir trajetos. Ilustrativo desses processos é, por exemplo, a arquitetura do banheiro. O banheiro pode ser percebido e avaliado como uma modalidade das tecnologias de gênero a que se referia Teresa de Lauretis (1987). Acompanhando a reflexão de Lauretis, Beatriz Preciado(2011) sugere que, o uso dos banheiros não está relacionado às funções digestivas do corpo, mas antes ao gênero. O banheiro assume, por dispositivos diversos, uma representatividade análoga à percepção do sexo como lugar do privado, do indizível familiar. Essas relações dialógicas materializam-se através de biopolíticas de controle e produção do gênero, espécie de patrulhamento que questiona qualquer possível ameaça, qualquer registro de expressão instável ou duvidosa de gênero (PRECIADO, 2011, p. 3). A construção arquitetônica do espaço sinaliza bem para a natureza das relações que podem ser ali estabelecidas, bem como o que pode ser mostrado, o que deve ser reservado.

A estrutura convencional do banheiro masculino é compartimentada em três setores: pia, mictório e reservados. O processo de educação do corpo e suas reações, bem como do espaço e seus usos, são processos inseridos e mediados pelas regras culturais e práticas sociais dos grupos humanos (FOUCAULT, 1999). Tais processos são construídos e reencenados como se fossem naturais, por meio de instituições e dispositivos como a família, escola, relações de trabalho, mídia etc. Na arquitetura do banheiro, cada espaço relaciona-se com um uso e um elemento corporal que deve ser evidenciado ou ocultado. Assim, segundo Preciado (2011), concebe-se o pênis como um “órgão público” na dinâmica das relações estabelecidas ali; homens podem olhar – ainda que não o devessem – os genitais alheios enquanto se posicionam em uma fileira de mictórios organizados geralmente no final do ambiente. Já bunda e ânus pertencem à esfera do privado, não porque o ato de defecar implique a necessidade de recolhimento, mas porque seu produto, os excrementos, está em outro domínio que não o da civilização.

Como relembra Jorge Leite Júnior (2009), o processo de construção do meio social é um processo de construção corporal historicamente situado e perpassado por transformações. Dentro de um regime heteronormativo, para os homens, o ânus deve ser apenas uma válvula de excreção; exceto por isso, não deve sequer ser considerado um órgão. Todo esse processo de segmentação e hierarquização das partes e funções corporais sustenta uma mitologia que Preciado (2000) chama de “castração anal”, processo que concebe o ânus como sujo, privativo e menor. O processo de castração anal remete a um intenso investimento para destituição do ânus e suas relações com qualquer possibilidade de prazer. O ânus converte-se num espaço que afirma e valoriza a masculinidade pelo artifício da inviolabilidade. Se, por sua vez, a algumas partes do corpo corresponde um espaço que é privado ou sigiloso para certos grupos, o sexo (como anatomia e como prática) também ocupa um lugar que é socialmente construído como devendo ser privativo e doméstico; sobre essa

percepção adiciona-se ainda o parâmetro da normalidade e da regularidade, como se esse tipo de relação fosse natural e dada. Mais uma vez, esse tipo de construção de variação sexual como sendo algo maligno corrobora a criação de estigmas eróticos (RUBIN, 1984), os quais relevam a posição vulnerável que certas práticas sexuais e seus agentes ocupam dentro do sistema de estratificação sexual.

Associada à clandestinidade e ao aspecto improvisado dos encontros, as trocas estabelecidas na dinâmica da pegação são tomadas como passíveis de contaminação em um sistema moral fortemente comprometido com o disciplinamento dos corpos; soma-se a isso ainda, na região metropolitana de João Pessoa, a grande influência que os espaços e poderes religiosos exercem sobre a sociedade civil de forma geral. O sexo é convencionalmente localizado em um lugar que não o público, mas privado, doméstico, confinado à esfera do quarto do casal, longe das crianças e dos espaços de socialização coletivos.

Relembrando Leap (1995), público e privado não correspondem a propriedades inerentes a qualquer lugar, mas são modalidades de relação que se configuram nas interpretações comuns pelas quais se vincula o público àquilo que pode ser facilmente acessado, ao que está aberto, e o privado ao captado pelo interesse de um indivíduo ou grupo sob a rubrica de propriedade ou pertencimento (LEAP, 1995, p. 9). Nesses termos, como categorias organizacionais, tanto o público quanto o privado referem-se a modalidades oposicionais e relativas, o que pode conduzir à enganosa suposição de que qualquer coisa que não é pública é privada, e vice-versa. Além disso, a distinção entre público e privado, como sugere a geógrafa Nancy Duncan, traz consigo determinadas concepções sobre o corpo desde uma perspectiva social. Assim, segundo ela, a apreensão produzida pelo senso comum é do público como domínio do político e, portanto, uma dimensão descorporificada, ao passo que o privado é o domínio do doméstico e é corporificado:

Tanto o espaço privado quanto o público são heterogêneos e nem todo espaço é claramente público ou privado. O espaço é matéria de vários processos de territorialização e desterritorialização pelos quais o controle local é fixado, reclamado, desafiado, fortificado e privatizado (DUNCAN, 1996, p. 129, tradução minha).

Essas questões trazem implicações para a própria correlação entre espaço público e sexo em público, ao qual a pegação está usualmente vinculada, tanto no meio acadêmico² quanto por parte de alguns interlocutores que conceituam a pegação como o domínio de experiências descomprometidas de interesse afetivo ou financeiro, e que se estabelece de maneira mais evidente em espaços como banheiros, parques, a praia; espaços que usualmente podem ser lidos como abertos, de controle

² Refiro-me aqui aos trabalhos que de algum modo abordaram tal questão, a exemplo de Gaspar Neto (2013) e Teixeira (2009). Esses autores buscam alternativas para fugir ao paradoxo apresentado por uma separação estática entre público e privado, o primeiro, a partir da proposição de blocos espaço-temporais, e o segundo a partir da estratificação do espaço em público, semipúblico e privado.

frouxo, mas que também revelam tecnologias sofisticadas de observação e vigilância.

Nesse ínterim, acompanharei a interação, em diversas falas, comentários, registros e anúncios produzidos tanto em relações interpessoais, face a face, quanto em espaços virtuais, de uma retórica que correlaciona o sexo e o afeto ao domínio do doméstico e do privado, enquanto que o sexo ‘impessoal’, sem comprometimento afetivo imediato – uma dimensão valorativa por vezes menor, organizada a partir do marcador do perigo e da adrenalina – como sendo possível de ser sempre desfrutado no espaço público e em público. Ao conversar com um interlocutor na praia, por exemplo, ele me afirmava que “*trepar a gente trepa em qualquer lugar, mas fazer amor de verdade, assim, com quem a gente gosta tem que ser em casa*”. Produzia-se, assim, uma oscilação no léxico que, em última instância, remete a um conjunto de estratégias de diferenciação.

Consoante Horácio Sívori, nesse contexto de intensas negociações e disputa classificatória entre o que pertence e o que deve ser alocado no público ou no privado, “a qualificação de ‘privado’ não é senão uma leitura – entre outras – de uma situação, a eficácia dela sendo sempre mediada por questões de *status* e privilégio” (SÍVORI, 2002, p. 203, grifos do autor). A distinção entre público e privado, como mecanismo de governo sobre corpos, pessoas e populações, pode ser localizada também na arquitetura do espaço urbano. No contexto da globalização e do efeito massivo das mídias digitais e tecnologias informacionais, essa distinção passa também por uma conceituação de como essas separações e relações se inserem no contexto das interações virtualizadas, como a descrita a seguir.

Eu fui lá [no Seixas] hoje e só tinha velho. Me desculpe dizer, porém os novinhos que tinha lá só procurava os caras mais do tipo modelo, entende? Porém, vamos dizer uma coisa: fiquei com 4 caras de uma vez, mas não deu tempo de gozar pois o cara não queria, fica cheio de resenha... aí eu sai de perto; Fui atrás, não foi dessa vez. Está um saco lá, até um carinha falou que lá deveria ser agência de modelo. Não entendi porque, mas tá de boa. Bom domingo a todos. (Registro em diário de campo, Facebook, dezembro de 2013).

O relato apresentado acima, como tantos anúncios publicados em grupos de discussão e em aplicativos de trocas de mensagem que conheci ao longo do período de pesquisa, buscam uma forma de especializar no domínio virtual elementos que estão inscritos materialmente na paisagem. A questão, aparentemente trivial e, de algum modo, banal no conjunto de informações que são trocadas diariamente através dessas mídias digitais, pode, contudo, oferecer alguns elementos para se pensar a forma e os discursos que constroem determinados espaços utilizados como pontos de pegação.

Na confluência de diversas respostas, é possível perceber ainda a profusão de ideias e representações sobre esses espaços, de maneira inclusive antagônica: “*se quer curtir, vem aqui em casa*”, “*por que você quer ir lá? É perigoso, tem muito assalto*”, “*só tem barbie, não curto*”, “*nesse cinema só dá maricon*”, “*pra quem gosta, tem de tudo*”, “*vai, mas não leva nada de valor*”, “*o melhor lugar pra foder é atrás dos montinhos de areia, onde é mais privado e de boa*”.

Sendo um processo de espacialização de normas, expectativas, desejos, além de uma tentativa de ruptura e desestabilização desses mesmos atributos, as práticas desenvolvidas nas trocas de pegação produzem deslocamentos e reinvenções dos sentidos usualmente atribuídos aos lugares. Elas produzem o espaço a partir da possibilidade de múltiplas camadas de percepção, experiência e fruição do espaço da cidade, reconfigurando e territorializando a partir de agenciamentos coletivos e momentâneos, possibilidades de interação. Nesse sentido, há um contínuo diálogo com o campo da norma e da ordem simultaneamente a uma especialização da interação a partir da partilha de determinados códigos entre os sujeitos: a interpelação quanto ao perigo e a alocação do sexo no domínio do privado sinalizam para arranjos e domínios ambivalentes na inter-relação entre pessoas e lugares, a exemplo da própria ideia de “sexo em público” e da criação de regiões de intimidade em domínios que são coletivos, ocupados e interpelados por multidões.

Considerações finais

A conceituação da pegação como fenômeno em rede teve como propósito atentar para as dinâmicas de mobilidade, arranjo e rearranjo que as pessoas produzem em seus trajetos pela cidade. Nesse trajeto, a cidade é produzida a partir das experiências, provocando assim os limites e as possibilidades de uma concepção vertical sobre o espaço, sobre a urbanidade e sobre o que seja cidade. A hipótese apresentada, e que organiza as discussões realizadas ao longo do texto, é que categorias como espaço e lugar não podem ser tomadas de forma estanque, dadas. O espaço não é vazio de relação, tampouco o lugar é fixo e delimitado pelas fronteiras de uma subjetividade.

Lugar e espaço são instâncias de relação. São aspectos que constituem a forma pela qual as pessoas se relacionam, de modo que só existem como uma relação também. A relação dos rapazes que frequentam a praia é de produção intensa, configurando tal espaço em sua dinamicidade, bem como a possibilidade de profusão de lugares – a praia da família da periferia que, no fim de semana, cruza a cidade para o banho de mar, a praia daqueles que praticam atividade física no final da tarde, a praia dos surfistas, e daqueles que se valem do escuro e do volume reduzido de pessoas para seus encontros e esquemas. Esses lugares não são fechados em si, não constituem fronteiras rígidas e acabadas, mas são conectados através da porosidade estabelecida nos trajetos, percursos, nas múltiplas relações e interações que pessoas concretas, em contextos marcados por disputas de poder e prestígio, produzem. Se o espaço e, por consequência, os lugares são processos relacionais e assinalados por fronteiras porosas, isso nos leva a duas implicações: a primeira é evidentemente a conectividade estabelecida a partir da forma como as pessoas se movem nos seus trajetos e percursos, no tempo e no espaço; a segunda é a produção de espaços diferenciados para pessoas diferenciadas.

Na condição de sujeitos dotados de corpo, gênero e desejos, as relações que produzem a investigação em níveis diversos constituem também jogos de sedução, afinal se trata de arranjos interpessoais. Seduzir é uma estratégia com fins

variados: sexo, carinho, companhia, realizar uma entrevista. Se no jogo de sedução a estratégia geral se inicia com os olhares ou toques, no uso de roupas que valorizem ou exponham determinados atributos corporais e, por fim, quando possível e desejável, uma conversa, o jogo de sedução do qual o pesquisador se apropria não é diferente. Ele é constituído tendo como base a concatenação entre olhar, escutar e falar de modo a captar a atenção e interesse dos agentes, para que possam se tornar colaboradores. Nesse ponto, o corpo desempenha um papel importante. Em um ambiente onde as pessoas são constantemente marcadas e avaliadas em função de raça, *performance*, aparência, não posso negar que ser lido como branco, alto, um corpo aceitável dentro de limites de nem “magro demais” nem “gordo” e não ter uma *performance* afeminada me possibilitou algumas aberturas e facilidades que se revelaram nos contatos que pude estabelecer, ainda que uma parte significativa deles não tenha se convertido em colaboradores. Mesmo assim, essas situações puderam informar sobre a forma como minha presença é notada, avaliada e desejada em função de outras tantas nos espaços públicos, comerciais e virtuais.

Não é possível ignorar o modo como marcadores sociais relativos à classe, raça e idade compõem uma forma de restringir ou facilitar o acesso a determinadas pessoas e espaços. Os espaços que apresentei são organizados e avaliados também a partir do reconhecimento de um maior ou menor contingente de pessoas inseridas ou avaliadas como componentes de um determinado padrão, estilo, corporalidade e *performance* que, por sua vez, remete ao modo como marcadores sociais da diferença são lidos e interpelados, em especial o marcador de gênero.

Se a masculinidade é um atributo importante, ela não é única e unidimensional, mas constituída de maneira contextual e contingencial, durante as relações e interações que os sujeitos estabelecem. Nesse sentido, é possível sinalizar para as tensões que algumas *performances* estabelecem, em especial quando rompem com expectativas a respeito das convenções que organizam hierarquias. A partir de retóricas diversas, os agentes buscam produzir corporalidades, *performances* e categorias que os posicionem de maneira mais positiva e satisfatória, na tentativa de garantir sucesso nos seus encontros. Obviamente, essa estratégia não é garantida, tendo em vista que o caráter relacional das transações sempre possibilita que o modo como os sujeitos se pensam sejam questionadas ou refutadas.

No que se refere à relação entre pessoas e espaços, é preciso que se reitere a forma como a história do dispositivo da sexualidade na contemporaneidade é também uma história dos artefatos e materiais que veiculam a produção de experiências e espaços eróticos. Motéis, zonas de tolerância, estradas, boates, clubes de sexo ou saunas, cinemas pornôs, *sex shops*, revistas, *smartphones* e aplicativos exercem um papel tão expressivo sobre a configuração das sexualidades quanto os discursos que se distribuem capilarmente desde instâncias biomédicas e judiciárias. Na verdade, em certo sentido, esses espaços e recursos podem ainda reafirmar ou se opor a esses lugares discursivos.

Em relação a um aspecto que nos interessa de maneira mais particular, é preciso ressaltar também as formas pelas quais a arquitetura e a materialidade dos espaços expressam convenções sobre corpos, corporalidades, gêneros e separações entre público e privado, intimidade e publicidade. Essa relação é evidente

sobremaneira na forma como se apresentam os banheiros, por exemplo. Se no espaço doméstico eles estão quase sempre cercados e apartados dos espaços de convívio coletivo, junto com o quarto, nos espaços de grande circulação de pessoas eles sugerem também formas de fragmentação do corpo. No caso dos homens, a localização dos mictórios na área aberta, onde todos podem se ver, sugere tanto uma vigilância sobre o pênis quanto seu aspecto público, ao passo que a bunda e o ânus são reservados ao privado, simbolicamente expresso na imagem da cabine onde se deve fechar a porta após entrar.

Referências

- BARNES, John A. Redes Sociais e Processos Políticos. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. **Antropologia das Sociedades Complexas**. 2.ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2010.
- CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 2002.
- CORNWALL, Andrea; LINDISFARNE, Nancy. Introduction. In: _____. (Ed.). **Dislocating masculinity – comparative ethnographies**. Londres: Routledge, 1993.
- DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. **Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- DUNCAN, Nancy. Renegotiating gender and sexuality in public and private spaces. In: _____. (Ed.). **BodySpace: destabilizing geographies of gender and sexuality**. Londres/Nova York: Routledge, 1996.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. **Les mots, la mort, les sorts**. Paris: Gallimard, 1977.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade – A vontade de saber**. 13ª ed. São Paulo: Graal, 1999.
- _____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- GASPAR NETO, Verlan Valle. **Na pegação: encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora**. Niterói: EdUFF, 2013.
- HANNERZ, Ulf. **Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- HUBBARD, Phil. **Cities and sexualities**. Nova York: Routledge, 2012.
- LAURETIS, Teresa de. **Technologies of Gender**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- LEAP, Willian. Sex in 'private' places: gender, erotics and detachment in two urban locales. In: _____. (Ed.). **Public sex/Gay space**. Nova York: Columbia University Press, 1995.
- LEITE JÚNIOR, Jorge. A Pornografia 'bizarra' em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros e o abuso facial. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (org.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- MASSEY, Doreen. ¿En qué sentido hablamos de problema regional?. In: ALBERT, Abel; BENACH, Núria (org.). **Doreen Massey – un sentido global del lugar**. Barcelona: Icaria, 2012.
- _____. Politics and Space/time. **New Left Review**, Nova York, n.196, p. 65-84, 1992.
- MCDOWELL, Linda. Introduction – rethinking place. In: **Undoing place? A geographical reader**. Londres: Arnold, 1997.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca. **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EdÚsp; Fapesp, 1996.
- PERLONGHER, Néstor. **O Negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.

- PRECIADO, Paul (Beatriz). **Manifesto Contrassexual**: práticas de subversão da identidade. São Paulo: n-1, 2014.
- _____. **Pornotopía**: arquitectura y sexualidade em la ‘Playboy’ durante la Guerra Fria. Barcelona: Anagrama, 2010.
- _____. Terror Anal. In: HOCQUENGHEM, Guy. **El DeseoHomosexual**. Madri: Melusina, 2000.
- _____. Basura y género: mear/cargar masculino/feminino. **Errancia, lapalabra inconclusa**, Revista de psicoanálisis,teoría crítica y cultura, México, n. 0, 2011. Disponível em: <<http://www.iztacala.unam.mx/errancia/v0/PDFS/POLIETICAS%20DEL%20CUERPO%201%20BASURA%20Y%20GENERO.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2013.
- OLIVEIRA, Thiago de Lima. ‘Viado não, canibal’: masculinidades, sexualidades e produção de cidade na experiência do homoerotismo em João Pessoa – PB.**Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 235-249, ago./dez. 2015.
- _____. Engenharia Erótica, Arquitetura dos Prazeres: cartografias da pegação em João Pessoa. Dissertação. 2016. (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- RUBIN, Gayle. O Tráfico Sexual – entrevista com Gayle Rubin. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p. 157-209, 2003.
- _____. Thinking sex: notes for a radical theory of politics of sexualities. In: VANCE, Carole (ed.). **Pleasure and Danger**: exploring female sexuality. Boston/Londres: Routledge; Kagen Paul, 1984.
- SÍVORI, Horácio Federico. Resenha – Public Sex / Gay Space.**Mana**, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p. 202-206, 2002.
- STRATHERN, Marilyn. **O Gênero da Dádiva**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006.
- TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. Discursos e representações sobre os territórios de ‘pegação’ em Belo Horizonte. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo. **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

Recebido em 07/12/2015

Aceito em 25/04/2016